



## Ana Vidigal As meninas boas não vão para o céu

Cinquenta anos de vida, 30 de trabalho: Ana Vidigal revisita-se na exposição *Menina Limpa, Menina Suja*. Até 26 de setembro, no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, há estereótipos quebrados, memórias reinventadas e o sentido lúdico que a artista imprime à sua obra. Uma celebração sem nostalgia nem triunfalismo **Maria João Martins**

**E** é uma incansável respigadora, no sentido ancestral dado ao termo por quem buscava nos campos o resto da ceifa. Ou talvez com mais precisão, no conferido pela realizadora belga Agnès Varda, ao filmar o documentário *Os Respigadores e a Respigadora*. Ana Vidigal, a poucos dias de completar 50 anos, continua a gostar de andar a pé pela cidade e de se encantar com o que esta relegou para o desperdício: podem ser as caixas de camisas de uma alfaiataria ou velhas revistas fora de moda. Guarda-as na expectativa de, um destes dias, as pensar e ver de outra maneira e dar-lhes uma segunda vida, numa pintura, colagem ou instalação.

Foi sempre assim. Filha de arquiteto e neta de uma mulher que pintava, desenhava e guardava vestidos, brinquedos e revistas antigas na sua grande casa, numa quinta em Alverca (onde Ana cresceu), a artista cedo se apaixonou por papéis, tintas e - não esquecer - por esse instrumento para ela essencial que é a tesoura: "A profissão do meu pai permitiu-nos (a mim e a dois irmãos, ambos mais novos) ter rapidamente acesso a materiais de pintura e desenho, o que nos abriu vários horizontes." Por outro lado, recorda, "ao contrário de muitas crianças da minha geração, liamos muitos livros e revistas da banda desenhada como *Tintin*, *Alif* (mais tarde, já na adolescência, também as aventuras de Corto Maltese), e até os livros do Patinhas e outras personagens da Disney, ainda nas versões brasileiras."

Esta liberdade era - lhes proporcionada por um pai porventura pouco convencional, ele próprio assinante de revistas de BD, que

não temia os alegados efeitos nefastos dessas leituras sobre os filhos. "Nunca deixei de ler outras coisas por causa dos quadrinhos", afirma Ana que, pelo contrário, pensa que essas leituras contribuíram para lhe "educar" o olhar.

Chamada a recordar esses primeiros anos, não hesita em considerá-los um dos seus "luxos" e a liberdade e afeto que lhe foram proporcionados "uma fonte de força para a vida": "Tive uma infância muito feliz, de que só guardo boas recordações. Gostei sempre muito de ir para a escola, gostava de lá estar e vários das amizades que então fiz duram até hoje."

### LIÇÕES DE LIBERDADE

Passados esses anos das primeiras colagens, desenhos "e dos casamentos das minhas Cíndias e Nancies com os *action men* dos meus irmãos", decidiu-se a estudar Pintura nas Belas-Artes, em Lisboa ("apesar do horror que era

a Geometria Descritiva"), no que foi incondicionalmente apoiada pela família. Estava-se no limiar de uma nova década (a de 80) e também de um novo modelo social, em tudo oposto ao que Ana conheceria em menina: "A seguir ao 25 de Abril houve um antes e depois muito visível: o que não era permitido passou a ser muito normal de um dia para o outro. Era quase o positivo e o negativo da mesma fotografia." As meninas bem-comportadas instruídas pelos livros da Anita (e Ana guarda-os todos) tinham dado lugar a jovens cheias de autoconfiança, capazes de superar muitos limites, pre-conceitos e convenções: "Quando estava na Faculdade, as raparigas começaram a sair sozinhas sem modo, o que não acontecia antes e mesmo nos anos que se seguiram ao 25 de abril. Isto proporcionou-nos uma confiança em nós próprias e nas possibilidades da vida."

As mudanças sociológicas fizeram-se acompanhar por uma nova estética nas artes, que Ana conheceu em pleno, nesses anos da Faculdade: "Pertencem a uma geração que em termos de trabalho foi marcada pelo regresso à Pintura, o que nos dava muito prazer. Ainda hoje não perdi esse gosto, não só em termos formais, mas também conceituais."

Logo no 2º ano da Faculdade, incentivada por Justino Alves, seu professor, fez a primeira exposição. O quadro mais antigo de *Menina Limpa, Menina Suja* data precisamente de 1980 e vem dessa primeira individual, realizada na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Tinha encontrado um caminho e uma linguagem próprios. Com Pedro Casqueiro, Alda Nobre, Madalena Coelho, Jaime Lebre e Inês Simões formou um grupo intitulado "Talentos Emergentes" que, em colaboração com Pedro Cabrita



**Tenho de me divertir. Os meus trabalhos resultam sempre da auto ironia**

Reis, José Pedro Croft ou Pedro Calapez, realizou várias exposições e ações marcadas pelo regresso à pintura. Foi bolsista da Gulbenkian entre 1985 e 1987 e trabalhou em gravura com Bartolomeu Cid dos Santos na Casa das Artes em Tavira: "Não havia, de forma alguma, o acesso à informação que existe hoje, mas, de um modo geral, estávamos bastante bem informados sobre o que se estava a fazer em Nova Iorque ou em Itália, por exemplo. Seguíamos muito o trabalho de autores como Basquiat (nascido em 1960, como Ana) ou Clement. Todos influenciados por todos, lá íamos encontrando caminhos".

Determinada, sabia já o que lhe interessava fazer. Sem hesitações, deitou fora as pastas com todos os trabalhos que tinha feito apenas para cumprir currículo: "Soube logo que não era esse a via que me interessava desenvolver. Soube-o mesmo durante o curso: trabalhava para a escola durante o dia e à noite fazia as coisas que me interessavam. Era a energia dos 20 anos, hoje seria totalmente incapaz de trabalhar assim."

O regresso à Pintura fez-se acompanhar pelo afastamento de uma arte politicamente engajada das décadas anteriores: "Talvez por reação aos anos fortemente politizados que vivêramos na adolescência, a minha geração começou por se afastar do processo político e de qualquer tentativa de passar



Ana Vidigal *Sem título, 1991*

## Sem arrependimentos

uma mensagem artística com esse teor. E isso ficou. Mesmo que mais tarde nos tenhamos interessado pela política, nunca misturámos o trabalho com esse interesse. Ainda hoje, não me passa pela cabeça fazer um cartaz para um partido, por exemplo”.

O trabalho em total liberdade, política, económica ou formal, foi sempre uma condição vital para Ana. Que a conseguiu, a par de uma disponibilidade total para a arte: “Tive o luxo de poder viver da Pintura, embora nem sempre tenha sido fácil. Devo-o, antes de mais, à minha família e mais tarde à Galeria III. Fiz a licenciatura para a eventualidade de precisar de ensinar para sobreviver, mas não o ter de o fazer é uma bênção.”

### O GOSTO DA EXPERIMENTAÇÃO

Do mesmo modo, nunca fez concessões ao mercado da arte e a qualquer gosto dominante. Ao longo destes 30 anos, nunca deixou de experimentar: Pintura, Vídeo, Instalação e até Azulejaria (fez painéis de grandes dimensões para as estações de metropolitana de Alvalade e Alfarelos, em Lisboa). Em comum, diz, tem de haver sempre o fator lúdico: “Não cultivo a pose do artista amargurado, até porque considero que a amargura conduz à perda de discernimento. Tenho de me divertir. Os meus trabalhos resultam sempre da auto ironia”. Cateórica, afirma: “Não acredito na arte como terapêutica. Os problemas psiquiátricos resolvem-se no psiquiatra.”

A diversão não exclui o apuro formal nem tão pouco a investigação prévia. Sem intenção ou tema delineados à partida, Ana respiga: na rua, nas lojas de chineses (“adoro os supermercados onde habitualmente se vão abastecer e onde comprei, por exemplo, as máscaras de carnaval que compõem a peça “A Flor do meu Man-guito”), nas feiras de velharias. A sua predileção vai para revistas de decoração “fora de prazo”, que lhe permitem reconstituir “ambientes há muito perdidos” ou mesmo antigos números das Seleções do Reader’s Digest: “Deliro com aquelas antevisões do que seria a vida quotidiana no ano 2000. Nos anos 50 imaginava-se a nossa época cheia de naves espaciais e, na verdade, no essencial, não somos assim tão diferentes.”

Alguns dos últimos trabalhos expostos na antologia do CAM remetem precisamente para esse fascínio pelas revistas de outras épocas. Numa sala de espera de hospital, enquanto esperava por uma pessoa em tratamento, Ana mergulhou em milhares de revistas de várias épocas e deixou-se encantar pelas páginas de passatempos, cheias de labirintos, pontos para unir e descobrir as diferenças. Pedeu licença para fazer recortes e glossou o tema na série

“A transgressão é uma casa a que chama sua, mas está longe de querer assumir o papel de rebelde oficial do regime. Até 26 de Setembro no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian (CAM), Ana Vidigal mostra trinta anos de trabalho, com pintura, objectos, esculturas, instalações, muitas histórias e estereótipos desmontados com forte sentido lúdico. Não por acaso, o convite para a inauguração cita (livremente) Mae West, a rainha das provocadoras: “A Menina Suja quando é boa, quando é má é melhor”. Desfrutem.”

### Jornal de Letras: O que podem ver os visitantes desta exposição?

Ana Vidigal: Trinta anos de trabalho, trinta anos da mesma pessoa em situações diferentes e inevitavelmente modificada pelas mudanças que lhe aconteceram. Há um fio condutor, que se calhar funciona como o rasto de migalhinhas deixado na floresta pelos meninos da história infantil da casinha de chocolate. Aqui esse fio condutor é o próprio tempo.

### Uma exposição antológica, como esta, é pensada de maneira diferente das outras?

É uma exposição diferente das outras até porque tem um curador (neste caso, a Isabel Carlos). Habitualmente sou eu que a preparo e organizo as exposições. Aqui foi a Isabel que fez uma escolha a partir de 30 anos de trabalhos. Por outro lado, ao

contrário do que habitualmente acontece, tivemos um ano para preparar a exposição, o que é muito bom porque gosto de trabalhar com calma.

### Como foram as vossas conversas? Discordaram em muita coisa?

Praticamente não discordámos. A Isabel escolheu muita pintura, mas também muitos trabalhos de colagem e muito trabalho experimental, fundamentalmente peças que usam os materiais tradicionais da pintura mas que acabam por ficar muito tridimensionais. Creio que vivi uma situação ideal porque tenho a maior confiança no curador

### O que produziu para si esta visão de conjunto da sua obra?

É engraçado ver as peças a chegarem ao CAM e rever coisas que não via há muito tempo, o que, de algum modo, me permitiu folhear o livro para trás. Nunca tinha tido a oportunidade de ver as coisas assim reunidas, embora tenha o hábito de parar muitas vezes para fazer balanços. Gosto de ver se os trabalhos envelheceram ou não, de ser eu a fazer a auto crítica sem esperar que sejam sempre os outros a avaliar-me. Na verdade, faço-o sem qualquer nostalgia ou arrependimentos e penso que nunca me arrependi de ter seguido este ou aquele caminho. Creio que tudo foi vivido no seu tempo. Agora só anseio por mais futuro. ■



Ana Vidigal *Penélope*, 2000



Ana Vidigal *Gosto de ver se os trabalhos envelheceram ou não, de ser eu a fazer a auto crítica sem esperar que sejam sempre os outros a avaliar-me*

das avestruzes. Um tema inespérado? Sem dúvida. Mas com Ana é quase sempre assim: “O trabalho acontece-me, nunca parto com o tema definido. Do mesmo modo, nunca ando a respigar isto ou aquilo. Encontro coisas e logo vejo o que farei delas. Estou consciente de que guardo mais do que alguma vez usarei.”

Ao resgatar peças está também a reconstituir memórias e imaginários. As suas, as da sua família, as de toda uma sociedade. Fê-lo, em parceria, com Ruth Rosengarten na exposição “O Vêtu da Noiva”, que esteve no Palácio Anjos, em Algés, em 2008, e volta a fazê-lo nesta antologia, onde, para além do vestido de noiva da mãe, Ana apresenta “Penélope”, uma colcha “tecida” com as cartas trocadas pelos pais, enquanto o pai estava em África, na Guerra Colonial. Ou as imagens imaculadas da menina Anita que lhe habitaram a infância. Não há ali, uma vez mais, qualquer propósito analítico e muito menos um ajuste de contas com o passado: “Utilizo do ponto de vista estético a memória da família através de peças investidas de um peso bom como o vestido de noiva da mãe. Os

meus pais estão vivos, continuam casados, por isso imagino que aquela peça marcou um momento muito importante e feliz das suas vidas. Quanto muito, ao usar estes materiais, estou a refletir sobre escolhas que foram feitas: porque é que, em determinado momento, minha mãe optou por ficar em casa com os filhos, em detrimento de uma vida profissional? Mas não é um juízo.” Esta tranquilidade é partilhada pela família e amigos, que cede peças e visita exposições sem estados de alma: “Quando fiz a exposição *Vêtu da Noiva*, com a Ruth Rosengarten, tratámos o tema do encontro e desencontro amoroso, mas fizemo-lo sem qualquer tristeza. Rimo-nos muito porque aqueles altos e baixos de que falávamos são os de todas as vidas e, claro, também das nossas. Uma vez mais, a ironia e o jogo são fundamentais para que possamos seguir em frente.”

Ao celebrar 30 anos de trabalho com exposição antológica, Ana Vidigal não apresenta sinais de nostalgia nem de triunfalismo. Promete apenas que a sua “carreira” de transgressora prosseguirá. Afinal, nem mesmo as meninas boas vão para o céu. ■